UMA SERENATA PARA ZARA

Xavier Zarco

1.

farei de meu corpo a epiderme

do lis

para que em vossas mãos

me deite

e beije por elas

vosso rosto

2.

vinde princesa à fenestra

que em canto

que de encantada e formosa

guisa

vos ensejo

um só olhar

3.

deixai-me em vossos verdes olhos

ver nos meus

os alados cavalos do sonho

sobre os campos

que de verde se vestem

só por vos escutar

sonhando

4.

escutai a melodia

que do alaúde brota

e senti

seu olor fresco e doce

qual maçã beijada

pelo orvalho das manhãs

5.

sabeis vós princesa

a sede de minhas mãos

quando meu olhar

acaricia vossa tez

de leite e mel

frágil

como uma álula

no dorso do vento

6.

há em vosso sorriso

uma feicha desperta
um acordar
de pássaros em voo

ou uma ondina
em cântico afortunado

7.

farei de acordes escadas

e de versos passos

e do olhar as aves

para que em vosso regaço

colha

as suaves flores

de um só desejo

8.

desprendei o antiface

deixai

o sol desvendar

os contornos

o gesto

que só em sonho

se me revelam

9.

esboçai o amplectivo

gesto

a esmeralda brilhante na noite

de manto de breu

para que vos diga

o mais belo verso

de todos os silêncios

10.

trago nas rosas do meu canto

a anona

a suprema oferenda

por uma só silhueta

um só suspiro de luz

entre sombras esboçado

11.

como amoras nas silvas entre espinhos

não cuidam minhas mãos

recusar à boca

sua delicada fragrância

assim por vós princesa

não cuidam meus olhos

recusar aos lábios

a surpresa

vosso vulto

entre as frestas

no cume das muralhas

12.

da torre de menagem um archeiro

a sua flecha atirou

no coração do breu da madrugada

em meu corpo a sua flecha

encontrou guarida

mas não mais

meu coração sangra

por vos ver

por vos sentir

13

não sou de vós beliz bela princesa

que de mim

não mais que a voz conheceis

mas como um beluário

que o medo defronta

aguardo que em vossos olhos

minhas palavras sejam

qual roseiral

onde o sangue é o verbo

que cumprimenta o sol

14.

com condesílio vos canto

na confidência de uma brisa

como uma flauta pelos montes

a apascentar o anúcio

da própria vontade

15.

repouso a clava

como hércules aguardo o meu trabalho

o meu desígnio guerreiro

mas o que ensejo é depor

a armadura o elmo

ser qual ramo de oliveira

na boca de uma pomba

16.

anseio a crisálida

a forma antes de todos os caminhos

ou as mãos do crisopeio

para vos levar minha arte

em palavras de ouro

17.

há em mim um momento

um só instante
a ouro gravado na memória
que cujio à distância a medo

como se revê-lo
fosse perdê-lo
retirar-lhe o brilho
de o ter vivido

um momento em que vos vi
como se vos vendo
o sonhasse

18.

a noite é como este ágil e ledo corvo

que para nós crocita

como se a erva cantasse a culastra

que de meus olhos caía

cumbado aguardei a ordem do meu rei

a ordem para vos ver e vos perder

19.

da cuna uma candeia iluminava

o caminho percorrido

como se uma voz

nos desenhasse o regresso

ao pó

à cinza de onde nascemos

talvez cumprir seja o meu desígnio

dealbar onde a luz cessa

20.

manda el rei que ataquemos

sob o escudo do mato nos movemos
e avançando vos vejo no belver

vossos olhos de esmeralda
onde o próprio sol se perde

vossos cabelos de trigo
espelho de narciso das searas

manda el rei que tomemos
o castelo que se ergue sobre o lis

e tomando-o perdi
perdi os vossos olhos de esmeralda
os vossos cabelos de trigo

e se pergunto vossos passos
vosso destino
pedra alguma mo diz
pedra alguma mo responde